

Paixão e subjetivação na adolescência

Celso Halperin¹

Resumo

A paixão, entendida como experiência transformacional, constitui uma das formas mais intensas de reorganização psíquica. Ao desestabilizar antigas configurações narcísicas, ela abre caminho para a emergência do amor — e, com ele, para a possibilidade de simbolizar a falta. Entre a ilusão de completude e o reconhecimento da alteridade, o sujeito atravessa o espaço da criação. Nessa travessia, a paixão cumpre sua função: fazer do desequilíbrio uma via de amadurecimento, e da perda, a condição mesma de se viver.

Palavras-chave: adolescência; configurações narcísicas; subjetivação.

Por uma lógica singular, o sujeito apaixonado percebe o outro como um Tudo (a exemplo de Paris outonal), e, ao mesmo tempo, esse Tudo parece comportar um resto que não pode ser dito. (Barthes, R. Fragmentos de um discurso amoroso).

Esse artigo propõe-se a tratar de um aspecto que julgo fundamental na compreensão do percurso percorrido por uma escolha afetiva na

¹ Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

adolescência. Frequentemente intensa e angustiante, a primeira paixão na adolescência é fundamental para que o jovem complete uma vivência de independização. Nesse sentido, há uma característica que define a paixão: ela é transformacional. Transforma um jovem prisioneiro do passado num sujeito do presente livre para o amor.

Para acompanhar o movimento que a paixão desencadeia, é preciso recordar que, como escreveu Bornheim (1990, p. 151), ela é “a força essencial do homem que busca com energia o seu objeto”. Há algo de espantoso na força e na intensidade do amor e da paixão, uma potência que convoca o ser a ir além de si, a ultrapassar seus limites. Desde os primeiros cantos da civilização, o amor e a paixão habitam o território da linguagem poética. No século VIII a.C., Hesíodo intuiu, na *Teogonia*, que o próprio universo nasce desse embate entre forças que se buscam e se separam:

O rigor do sistema

Bem no princípio aparece o Caos, em seguida a Terra
De amplos peitos, de todo assento seguro sempre, dos
Imortais que habitam os altos do nevado Olimpo, o Tártaro
Sombrio nas profundezas do solo de espaçosos caminhos, e
Eros, o mais formoso dos deuses imortais, o
Afrouxa-membros, que de todos os deuses e de todos os
Homens domina no peito a razão e a deliberação ponderada

Para Hesíodo, ao lado da terra, do Tártaro, no fundo da terra, e do Caos, encontra-se o Eros como uma das divindades originárias. Sendo a Terra a origem de tudo, dela nasce ou se desprende o Céu que a recobre. Esse movimento de desprendimento, de ruptura, que se assemelharia a um abrir a boca, a um bocejo (*khaino*), revela o significado de *Khaos* ou Caos. A partir da cisão entre o Céu e a Terra, o Caos representaria a tendência para a abertura, para o desprendimento, para o afastamento. Nesse sentido, se Caos vai tender à separação, partindo em dois o que era um só, uma outra divindade originária

vai se contrapor: Eros (*éramai*, ou seja, “amar”, “desejar apaixonadamente”). Eros é a força que preside a união amorosa. Ele é um desejo de acasalamento que avassala todos os seres, sem que se possa opor-lhe resistência. Não é à toa que Hesíodo o qualifica como o “afrouxa-membros”. Caos é um princípio de cesura e de separação e, como tal, opõe-se a Eros, que instaura a procriação, unindo dois elementos diversos e separados. Caos e Eros ladeiam-se como puros princípios energéticos, de naturezas opostas.

Na visão de Aristóteles (sec. IV a.C.), a paixão é compreendida como uma disposição inerente à natureza humana, algo que habita o homem e o move, mas que pode e deve ser educada. Para o filósofo, as paixões não são, em si, um mal: tornam-se virtuosas ou danosas conforme o modo como são conduzidas pela razão. Já os estoicos, que sucederam a Aristóteles e marcaram profundamente o pensamento ateniense a partir do século III a.C., deslocaram o problema. Para eles, o apaixonado é aquele que, rendido à emoção, traiu a razão. A alma, nesse estado, perde sua harmonia; a paixão passa a ser vista como desvio da natureza. A cura, então, consistiria em uma profilaxia rigorosa: extirpar a emoção antes que ela se torne tendência, antes que a alma seja tomada por ela.

Séculos depois, Nietzsche (1886) reabre o debate afirmando que, apesar das aparências, os estoicos são os filósofos da vontade fraca, incapazes de sustentar as perturbações da alma. Para ele, os estoicos são danosos, não por serem repressivos, mas porque partem da ideia de que é impossível viver uma paixão sem ser totalmente dominado por ela e porque são, antes de tudo, demasiadamente sensíveis aos seus perigos. Nietzsche pergunta, com ironia e espanto: seria a vida tão penosa a ponto de merecer ser trocada por uma existência petrificada, anestesiada pelo ideal da indiferença? Ao contrário, ele reivindica o valor da paixão como experiência afirmativa, não como doença, mas como prova da força que o sujeito tem de suportar o desassossego que o constitui. É diante dessa força ambígua, tão antiga

quanto temida, que o adolescente se descobre no início de sua travessia. Herdeiro de um legado milenar de desconfiança e fascínio, ele encontra na paixão um campo de risco e de revelação. Que lugar ocupam, para ele, o amor e a paixão? Em que ponto um se distingue do outro? E que poder transformador pode se anunciar nesse encontro? São estas as perguntas que agora nos acompanharão.

Em 1914, Freud descreve o narcisismo primário como um estado do desenvolvimento psíquico em que a libido do indivíduo é dirigida ao próprio eu, permitindo à criança uma vivência de perfeição. Seria, então, a criança possuidora do Eu ideal, em que ela e o mundo são uma coisa só, sendo o mundo uma extensão dela mesma. Gradualmente, esse Eu ideal infantil encontra dificuldade de manter sua ilusória autossuficiência frente às demandas e exigências que o ambiente e a realidade vão lhe impondo. Mas o sujeito não renuncia sem luta a esse paraíso perdido. O Eu, impossibilitado de conservar para si a antiga onipotência, desloca-a para fora: tenta recuperá-la através de um outro, que passa a carregar o brilho do que antes era seu. É assim que nasce o Ideal de Eu: a libido, antes investida no próprio Eu, passa agora a investir um objeto externo, elevado e engrandecido pelo processo de idealização. O que outrora se vivia como completude interior transforma-se em busca amorosa, o desejo de reencontrar, em alguém, a imagem ideal que um dia se acreditou encarnar.

Maria Rita Kehl (1987) descreve esse período com rara precisão poética, iluminando a passagem entre o narcisismo e a castração simbólica — esse ponto em que o sujeito se vê convocado a perder para poder desejar:

A realidade é inimiga de uma satisfação absoluta do desejo, mas o princípio de realidade dentro de nós, aliado ao princípio do prazer, nos ensina os caminhos para a vida e para o amor em troca do abandono do narcisismo primário. É dessa brecha entre o tudo que se quer e aquilo que se pode que nascem as possibilidades de

movimento do desejo, movimento que não cessa enquanto a vida não cessa. Não existe objeto que satisfaça plenamente o desejo... É justamente por isso que a vida é uma tensão permanente, é movimento permanente: o que não encontro aqui, vou buscar noutro lugar; se não encontro o absoluto, sigo perseguindo tudo o que se aproxima das minhas representações de perfeição... A esta impossibilidade de manutenção do estado narcísico do qual fomos expulsos com o nascimento, a Psicanálise chama de Castração... A castração é, portanto, essa ferida mortal, essa perda de uma ilusão paradisíaca em troca da qual se ganha a possibilidade de continuar vivendo. A castração é a perda de um privilégio que já se desfrutou, perda que abre, em troca, um leque de possibilidades de se viver o novo. (Kehl, 1987).

Essa passagem do texto de Kehl nos remete à dimensão inaugural da perda como condição da vida psíquica. É no vazio deixado pelo impossível que o desejo encontra o seu movimento, e é justamente por não se satisfazer que ele se reinventa. Mas esse delicado equilíbrio, conquistado a duras penas na infância, sofre um abalo quando o sujeito atravessa a adolescência. As transformações corporais e hormonais desse período despertam uma intensidade inédita: o corpo se anuncia como lugar de excitação, e com ele emerge a urgência de concretizar os desejos que, até então, encontravam expressão simbólica ou ternura no ambiente familiar. O que antes bastava, a segurança e o afeto contido nas relações primárias, já não serve. O adolescente precisa agora buscar novos objetos, novas formas de ligação que comportem a turbulência do desejo e o risco do encontro. Há, nesse momento, algo que ultrapassa o plano psíquico: uma necessidade quase biológica de viver uma paixão, como se o corpo e a alma conspirassem pela mesma travessia. É o instante em que ele é chamado a deslocar seus investimentos libidinais dos objetos primários para um outro; um objeto real, externo, que o desafia a amar fora do círculo familiar, fora da proteção das origens.

Desse modo, o jovem buscará, na melhor das hipóteses, um certo desalinhamento entre as antigas necessidades narcísicas e os novos investimentos libidinais. O desinvestimento dos objetos primários e, ao mesmo tempo, o desinvestimento neles abre um espaço interno de espera, um campo fértil onde pode florescer uma ilusão amorosa. Mais do que uma relação específica, essa ilusão, seguida de sua inevitável decepção diante da realidade, é decisiva: é nela que se estrutura a capacidade humana de iludir-se e desiludir-se e, sobretudo, de voltar a se iludir. Trata-se de um movimento vital, de uma oscilação que sustenta o desejo e garante a construção de um espaço psíquico onde a experiência de amar e perder possa encontrar abrigo ao longo de toda a vida. Para que esse processo se cumpra, é essencial que o adolescente possa emprestar ao objeto amado uma capacidade de amar que substitua, ainda que parcialmente, o fantasma dos amores primários, aqueles vivenciados na infância sob a forma do absoluto. Muitas vezes, ele é atravessado pelo temor de que, ao buscar o prazer e o amor fora da esfera familiar, venha a perder o amor e a proteção que ali o resguardavam. No inconsciente, o gesto de amar fora de casa é vivido como traição, como ameaça de abandono. Para que o adolescente se arrisque nessa conquista, é necessário que disponha de um mínimo de confiança; a certeza, ainda que tênue, de que o objeto que representa o amor originário (pai, mãe ou substitutos) não desaparecerá com o seu gesto de separação. Somente assim o amor poderá ser experimentado fora do círculo de origem, sem que a perda do primeiro vínculo se transforme em ferida irreparável. Shakespeare soube tocar esse ponto com genial precisão ao narrar o destino de Romeu e Julieta: dois jovens que, incapazes de conciliar o amor e a fidelidade à família, veem o desejo colidir com o medo da exclusão. A tragédia de Verona é também a tragédia da adolescência — esse momento em que amar o outro implica, inevitavelmente, arriscar-se a perder o lugar de filho.

A distinção entre amor e paixão varia conforme o olhar de cada psicanalista. Adotarei, aqui, os conceitos que mais se aproximam da minha experiência

clínica. A paixão é a revivescência de um estado de plenitude: uma tentativa de restaurar o brilho perdido do Eu ideal infantil, quando o eu e o mundo ainda se confundiam numa mesma totalidade narcísica. O adolescente apaixonado sonha reencontrar no outro o espelho dessa antiga completude. É como se ele buscasse reconquistar o paraíso de sua própria unidade. Nessa fantasia, o ser amado é investido de um poder absoluto — torna-se depositário da felicidade possível, guardião da perfeição sonhada. Mas a paixão, inevitavelmente, encontra o limite do real: sofre a primeira desilusão, e é nesse ponto de fratura que o amor pode nascer. O amor emerge quando o sujeito suporta a perda da condição de ser único no desejo do outro, quando aceita, enfim, a alteridade. Na decepção amorosa, o adolescente revive (ou experiencia pela primeira vez) a cena infantil da desilusão, aquela em que descobriu que a mãe desejava algo além dele. Ao reencontrar essa ferida sob nova forma, ele pode reconhecer no outro uma existência própria, independente, que escapa ao seu domínio. É, pois, da decepção revivida que o amor se origina, do reconhecimento de que o outro vive para além do eu e de que é precisamente essa distância que o torna digno de ser amado.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) associa o auge do sentimento amoroso, aquele instante em que o eu e o tu parecem dissolver-se um no outro, à experiência de uma ilimitabilidade que toca o sentimento oceânico. Nesse ponto, amar é fazer parte do todo, como se, ao perder suas fronteiras, o sujeito reencontrasse um antigo estado de fusão com o universo.

Em *Histórias de amor*, Julia Kristeva descreve com precisão lírica essa experiência em que o sujeito se despoja de si para habitar o outro:

[...] no amor um foi o outro. Esta fórmula que nos conduz à poesia ou à alucinação delirante sugere um estado de instabilidade em que o sujeito deixa de ser indivisível e aceita perder-se no outro, pelo outro...O amor é o tempo e o espaço onde “Eu” se dá o direito de ser extraordinário, soberano.

Podemos, então, questionar: seria a paixão uma forma de ilusão a que sempre estamos condenados, um engano necessário? Talvez, mas nem por isso menor. A paixão não se sustenta porque aspira ao absoluto: quer o êxtase sem tempo, a plenitude sem fenda, a continuidade que a realidade inevitavelmente frustra. E, no entanto, essa mesma impossibilidade é aquilo que a torna preciosa. A experiência amorosa pode parecer ingrata porque nela se entrelaçam a vertigem da felicidade e o risco da perda. Mas, se o tempo limita, ele também dá valor. A aceitação da transitoriedade não anula o esplendor do instante; ao contrário, ela o intensifica. Como lembra Freud (1916), o prazer do belo e do perfeito não depende da duração, mas sim da intensidade com que se faz presença na vida sensível. O caráter efêmero do amor e da paixão não os diminui; antes, os engrandece, a menos que o sujeito, tomado pelo medo da perda, renuncie antecipadamente ao gozo. Nesse caso, o que se perde não é o objeto, mas a própria possibilidade de viver. A Portanto, amar é também aceitar a fragilidade do que é intenso: o gozo de saber que o instante é finito, mas, justamente por isso, absoluto.

Sigamos, então, com a ideia da paixão como plenitude: um estado de êxtase em que o sujeito se sente inteiro, tomado pela ilusão de um todo. O amor, por sua vez, começa quando essa plenitude se desfaz, quando o outro se revela vivo, autônomo, irredutível ao desejo onipotente que o quis conter. É quando o amado se torna inapreensível que o amor pode, enfim, acontecer. Nem sempre, porém, a paixão encontra esse desfecho. Muitas vezes, ela se consome em seu próprio fogo, esvazia-se em nada ou se converte em formas de gozo destrutivo: dependências, compulsões, desordens do corpo e da alma. Em certos casos, o amor apaixonado, incapaz de aceitar sua incompletude, prefere manter a onipotência, mesmo às custas de vivências de desespero ou delírio, a aceitar a falta e a renúncia. Nessas situações, a paixão deixa de ser criadora para se tornar prisão. Contudo, não se trata, de opor paixão e amor como dois estados estanques, sendo um patológico e outro saudável. Entre ambos se estende um vasto território de afetos,

transições e ambiguidades que acompanham o sujeito ao longo de toda a vida. Se a paixão nasce da fantasia de completude, o amor se funda na capacidade de suportar a falta. É o que nos permite criar formas simbólicas para representar o que se possui e o que nunca se possui inteiramente. A arte, a poesia, a palavra — todas são modos de traduzir, ainda que imperfeitamente, essa tensão entre plenitude e ausência. Ao dizermos algo, deixamos de dizer outra coisa; toda palavra é, por natureza, uma renúncia. Mas é nessa renúncia que o simbólico se funda. Ao nomear, a palavra recorta e limita — e, justamente por isso, torna possível a vida psíquica. Por que falar de palavra quando falamos de amor e de paixão? Porque é por meio dela que podemos oferecer ao sujeito, especialmente ao jovem tomado pelo delírio amoroso, uma via simbólica para o que, de outro modo, se consumiria em pura intensidade. A palavra permite que o impossível se torne pensável, que a plenitude imaginária se traduza em forma e, portanto, em criação.

Freud exemplifica isso magistralmente em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907): Zoé, a Gradiva, entra no delírio de Norbert Hanold não para negá-lo, mas para acompanhá-lo com palavras precisas e delicadas, ajudando-o a reencontrar uma realidade possível, reconciliada com o desejo.

Podemos, então, supor que, ao transformar o modo como ele experimenta a si mesmo, a paixão de Norbert por Zoé/Gradiva adquire uma qualidade particular: torna-se transformacional. Eis o ponto essencial: a paixão, sobretudo a primeira grande paixão da adolescência, tem o poder de resgatar o sujeito de um estado de congelamento psíquico, libertando-o de vínculos primitivos e permitindo-lhe, pela primeira vez, o movimento de viver e de amar.

Para compreender mais plenamente essa capacidade transformacional da paixão na adolescência e suas nuances específicas, é preciso recorrer

a alguns conceitos de Winnicott e Bollas. Em Winnicott (1969), a noção de “uso do objeto” introduz uma virada fundamental. Ela nos convida a valorizar, em qualquer vínculo afetivo, não apenas o objeto interno como depositário de projeções e identificações, como ocorre nas relações objetais clássicas, mas também as qualidades próprias e reais do objeto externo, sua natureza e seu comportamento no mundo. O movimento essencial consiste em permitir que o objeto, antes mantido sob o domínio onipotente do sujeito, seja reconhecido como autônomo, fora do campo do controle mágico. Na relação de objeto, estamos tratando da relação psíquica com um objeto interno, enquanto o uso de objeto só é possível quando o sujeito aceita que o objeto não está sob seu controle onipotente. Nesse trânsito delicado, de uma relação pautada pela onipotência para outra, sustentada pelo reconhecimento da alteridade, muitos processos evolutivos podem ficar retidos. Preso à ilusão de domínio, o sujeito não consegue perceber ou aceitar o outro como existente em sua própria realidade. Surge, então, uma pergunta inevitável: como pode alguém, habituado a se relacionar apenas com objetos sob controle psíquico, amar um outro cuja essência é justamente escapar a esse controle?

É aqui que a paixão revela seu poder paradoxal. Muitas vezes, é apenas por meio de uma paixão intensa, mesmo excessiva, que o sujeito consegue mobilizar antigas fixações e romper o círculo do aprisionamento narcísico. O objeto amado, nesse primeiro momento, ainda se confunde com o ideal do sujeito: não o desaponta; pelo contrário, confirma a plenitude sonhada, alimenta a ilusão de unidade e onipotência. Mas o tempo, elemento que sempre golpeia a ilusão de onipotência, intervém, fazendo prevalecer as características reais do objeto, e o desencaixe se instala. É nesse confronto entre fantasia e realidade que o sujeito se vê obrigado a negociar, a inventar uma nova forma de relação. Surge, então, o espaço transicional — uma instância intermediária onde a fantasia e o real podem coexistir sem destruição mútua. Nesse espaço, que é também o da criatividade e do jogo, a paixão se transforma em experiência

psíquica: o lugar em que o sujeito começa a amar o outro não por ser idêntico a si, mas precisamente por ser diferente.

Podemos imaginar um adolescente suspenso em seu desenvolvimento psíquico, fixado a uma posição narcísica ou a vínculos objetivos que não favorecem a evolução. Ele vive como se todos os seus objetos internos permanecessem sob o domínio de um controle onipotente; um mundo fechado em si, sem verdadeira alteridade. Mas basta um encantamento, uma paixão que o desloque, para que esse sistema comece a se mover. Quando o jovem se apaixona, investe sua libido no objeto amado e, ao sentir-se também investido por ele, algo se altera no equilíbrio do seu mundo interno. A paixão, ao mesmo tempo em que o expõe ao risco, o convida à transformação: rompe o passado como estrutura fixa e o conduz, ainda que com hesitação, a um novo estado de abertura, o presente. Esse exemplo, tão comum na vida cotidiana e tão singular em cada sujeito, revela o poder criativo da paixão. É por meio dela que o adolescente pode realizar a travessia da relação de objeto para o uso de objeto, deslocando-se do controle onipotente à experiência da alteridade. E, quando esse processo se cumpre, a paixão pode dar lugar ao amor; não como substituição, mas como continuidade transformada. Nada, contudo, garante que essa conquista seja definitiva. O sujeito permanece sempre suscetível a novas paixões — e talvez seja precisamente essa vulnerabilidade, essa disposição a ser novamente tocado, que assegure a vitalidade do seu vir-a-ser.

Bollas (1987) denomina objeto transformacional aquele objeto que é experimentado pela criança não apenas como presença, mas como processo; um acontecimento capaz de alterar a própria experiência do self. O objeto, nesse sentido, não é apenas reconhecido pela sua representação interna, nem apenas pelas suas características objetivas, mas vivido como uma experiência recorrente de ser. Podemos pensar, então, que a paixão na adolescência, e especialmente a primeira grande paixão, guarda essa mesma

qualidade transformacional. Ela não se reduz a uma relação objetal nascida do desejo, mas envolve a percepção de uma função específica do objeto: a de provocar uma mudança no sujeito, ou mesmo em ambos. A busca pelo objeto transformacional traduz, em última instância, o reconhecimento interno de uma necessidade de amadurecimento. Esse amadurecimento só se torna possível quando uma paixão suficientemente intensa é capaz de mobilizar e mesmo desestabilizar antigas formas de integração do Eu, percebidas inconscientemente pelo sujeito como muito frágeis, para se arriscarem na busca de novos equilíbrios. Talvez, por isso, não devamos falar de paixão e amor como categorias opostas, mas como extremos de um mesmo espectro afetivo. Num dos polos, a paixão, com toda sua intensidade e idealizações, é necessária para romper os vínculos primitivos congelados e inaugurar o movimento. No outro, o amor surge como um modo mais integrado de se relacionar com a falta; ele só se torna possível quando o sujeito atravessa um processo de castração simbólica lento, delicado e humanizador. O amor representa, assim, a integração da experiência de perda e transformação que a paixão inaugura.

Compreender esse percurso implica reconhecer também a ansiedade que acompanha o adolescente quando ele descobre, em seu próprio corpo, a potência biológica do desejo. Essa percepção o confronta com a angústia de concretizar o que antes se mantinha resguardado no campo das fantasias, o temor de ver a realidade convocada a participar do que, até então, era apenas imaginado.

Diante desse abalo, muitos adolescentes recuam: retraem-se, renunciam, abdicam da transformação. O preço dessa renúncia costuma ser alto. O adolescente que se protege do desejo acaba, muitas vezes, aprisionado em um falso equilíbrio: deprime-se não por perder o amor, mas por recusar o risco de desejá-lo. Ao manter-se preso a objetos primitivos, portadores de uma onipotência ilusória, preserva uma segurança que o imobiliza. Outros,

na ausência desse objeto idealizado, enfrentam o vazio: um sentimento de falta sem nome, que tentam preencher com condutas auto ou hetero-agressivas, tais como o alcoolismo, adições ou distúrbios alimentares. São tentativas de afirmar uma independência em relação aos antigos vínculos, procurando dominar objetos externos que se mostrem submissos ao seu poder, objetos que obedeçam, que possam ser controlados. A depressão, por sua vez, pode substituir o próprio processo da adolescência. Ela funciona como um refúgio contra o medo, o medo natural que todos nós sentimos ao trocar a segurança de algo já conhecido (objetos, fantasias, ideais e estrutura psíquica) pela incerteza que os caminhos do amor e da paixão podem nos levar.

A paixão, ao desorganizar os vínculos narcísicos e romper o equilíbrio ilusório do passado, instaura um movimento que é, ao mesmo tempo, de risco e de criação. Tal como em Hesíodo, em que Eros surge junto ao Caos para religar o que foi separado, a paixão traz à cena o gesto inaugural da vida psíquica: a tensão entre o que se perde e o que se deseja reencontrar. Na adolescência, esse gesto se repete sob nova forma, quando o sujeito é chamado a transformar o desamparo em desejo e o medo em possibilidade. Nessa travessia, a paixão revela sua natureza transformacional — não como perturbação, mas como passagem. Ao desestabilizar o antigo equilíbrio narcísico, ela inaugura o espaço do amor, que se funda não na plenitude, mas na aceitação da falta. Entre a ilusão e o reconhecimento da alteridade, o sujeito encontra o campo da criação, onde o real pode ser habitado sem que o desejo se extinga. Assim, a paixão cumpre sua função: abrir o ser ao movimento de viver, permitindo que, a cada encontro, algo do novo possa nascer.

Referências bibliográficas

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Barthes, R. (1977). *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Bollas, C. (1987). O objeto transformacional. In: Bollas, C. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Bornheim, G. (1990). Da superação à necessidade: o desejo em Hegel e Marx. In: Novaes, A. (org.). *O desejo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

Freud, S. (1907). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, S. (1916). Sobre a transitoriedade. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Halperin, C. A paixão na adolescência. In: Graña, R. B.; Piva, A. B. S. (orgs.). *A atualidade da psicanálise de adolescentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Hesíodo. *Teogonia*. Versão traduzida e não editada por Donaldo Schüler. Porto Alegre: SISM, 2003.

Kehl, M. R. A psicanálise e o domínio das paixões. In: Cardoso, S. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Kristeva, J. (1983). *Histórias de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Nietzsche, F. (1882). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Guimarães Editores, 1977.

Torrano, J. O mundo como função das musas. In: Torrano, J. *Teogonia: a origem dos deuses — estudos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

Winnicott, D. W. (1969). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

Celso Halperin

Rua General Oscar Miranda, 160/704

90440160 – Porto Alegre

halperin@uol.com.br

© Constructo Revista de Psicanálise